

Hóspedes do degredo

É tão razoável representar uma espécie de encarceramento por uma outra como representar qualquer coisa que realmente existe por qualquer coisa que não existe.

Daniel Defoe

Ronaldo Cagiano

Especial para o *Correio das Artes*

Escritora mineira nascida em Guarani, formada em Letras pela UFRJ e radicada em Londres há mais de uma década, para onde foi estudar Shakespeare, Nara Vidal acaba de publicar *Sorte* (Editora Moinhos, 2018), uma pequena obra prima, que emoldura, numa narrativa vigorosa e envolvente, o drama do deslocamento e da humilhação sofrido pelas mulheres, tão ancestral quanto a própria história dos povos. Autora, dentre outros, de *O curioso mundo de Amelie*, *O arco-íris em preto e branco*, *Viajar sem dinheiro & gafes internacionais* e *A loucura dos outros* (Editora Reformatório), criou em Londres o Capitolina Books, um projeto vitorioso e vitrine para a nossa literatura, que traduz e divulga autores brasileiros na Inglaterra e Europa.

Sorte estrutura-se em capítulos curtos, em cuja tra-

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET



Em Sorte, Nara Vidal aborda o drama do deslocamento e da humilhação sofrido pelas mulheres



ma o leitor depara-se com uma arquitetura formal sofisticada e repleta de imagens e simbologias. Sua leitura galvaniza tanto pela temática quanto pelo estilo que funde contenção e densidade, abarcando uma realidade que carrega outros dramas e conflitos íntimos e históricos. Um livro metafórico em todos os sentidos, em que a autora transpõe os domínios do realismo para instaurar um trânsito de transcendência, onirismo e magia, ao tomar como pano de fundo a fuga de uma personagem da situação de fome da Irlanda no início do século 19. Note-se, ainda, sua destreza em mesclar realidade e ficção, história e memória, que dão um tom de drama e denúncia, além do caráter epopeico (e ao mesmo tempo epifânico) ao relato.

Acreditando nas promessas de um novo eldorado no Brasil, o "Hy-Brasil" (aqui representado por uma ilha movediça e cheia de mistérios, que aparece a cada sete anos, como se fosse uma panaceia para os sofrimentos), vamos encontrar Margareth a fugir de um destino crucial traçado desde o ventre. Acossada pela miséria do país, a doença do pai (um homem castrador, machista e arrogante) vitimado pelo tifo, e por uma gravidez, sai da Irlanda em direção ao Rio de Janeiro. Ao chegar, percebe que foi vítima de mais uma cilada, quando o estado brasileiro, para atrair força de trabalho para suas terras numa economia incipiente, recebia levas de imigrantes, mas estes são tratados como escravos, submetidos a outros degredos, como a opção de serem enviados os homens para as guerras travadas no Cone Sul, na época em que o conflito cisplatino opunha Brasil e Argentina. A sedução do estrangeiro para quem fugia de condições miseráveis em seu país que vivia a fome da batata, atrai a família Cunningham, mas tudo se transformava em degre-

do e sevícia, diante da ilusão abortada ao chegar à nova terra.

Eis uma obra que não minimiza o olhar crítico, mas em clave de sutileza poética, sobre a má sorte dos que precisam fazer uma travessia para fugir ao deserto em que vivem, mas acabam por serem lançados numa outra aridez, além da territorial e geográfica, pois o pior *apartheid* será o sofrimento psicológico e a perda da identidade. *Sorte* mapeia esse passivo íntimo que atinge tanta gente desde os primórdios da civilização: deslocamento, perdas, solidão, desilusão, guerras, fome, doenças, um corolário de enfrentamento da opressão tanto política quanto religiosa e moral, onde quer que vivam.

Nesse percurso trágico reside um grande simbolismo: a fuga de Margareth e sua família, vivendo uma outra insularidade, além da pobreza na Irlanda, a material, financeira e a afetiva. Pois aí é movida ainda pelo castigo, por estar grávida, tendo que abandonar filho tão logo chega ao Brasil, um desiderato comum a tantas mulheres estigmatizadas e proscritas pela igreja naqueles tempos bárbaros de pseudo-moralismo e controle rígido dos costumes, quando as freiras são agentes que consumam a tortura maior, que é a venda dos bebês.

A autora trabalha habilidosamente a mitologia em torno não só desses refugiados de um tempo tão distante - mas tão análogos aos sírios de hoje, que sofrem e morrem nas águas do mundo e não sabem o que vão encontrar do outro lado - porque são expulsos de suas terras pelas contingências que os humilham, amedrontam e apequenam, quando os aguardam países e realidades movediças e a imprevisibilidade da sorte, apostando na loteria do "allea jacta est" da sobrevivência. Essa travessia do Atlântico, que durante 36 dias colocará em risco a vida de Margareth e suas irmãs Martha e Mary, e também seus irmãos, num périplo angustiante e imprevisível, é o pano de fundo para um delicado questionamento sobre o destino de pessoas e nações que, em suas experiências traumáticas, vivem sempre empurrados pelas

circunstâncias pessoais e históricas, obrigados a viverem seus confrontos com o mundo, mas na tentativa de escapar deles, numa espécie de Pessach às avessas, fogem de um cativo para cair em outra armadilha; vítimas das circunstâncias, tornam-se hóspedes compulsórios de um eterno degredo, pois substituem uma experiência existencial devastadora e excludente por outra tão aviltante e apartadora, colhidos pelo alçapão das instabilidades políticas e econômicas.

Uma narrativa sóbria, elegante, sem derramamentos, pontuada por uma história de crueza, mas povoada de sensibilidade e reflexão, em que tempos cronológicos e psicológicos são coerentemente trabalhados pela autora em simbiótica relação, traçando um contundente perfil da violência que se manifesta em todas as geografias e sentidos, conferindo à novela a expressão de libelo. *Sorte*, em sua impactante e não edulcorada verdade, vem traçar um roteiro ficcional sobre a gênese do nosso processo civilizatório, ao tocar em questões ligadas à vida, à morte, ao sofrimento dos excluídos e à vileza que afetaram, marcaram e dividiram uma família pela desterritorialidade e pela itinerância. A história culmina num simbólico e dramático epílogo às margens do mí(s)tico e velho Pomba, essas águas que atravessam a zona da mata de Minas e, que como diria um poema de João Cabral, "esse rio/ está na memória/ como um cão vivo/ dentro de uma sala." Na memória ficam seus personagens e sua luta e errância para fugir à dor e ao esquecimento, como essa Maria-va, escrava que tem seu papel na história, como repositório desse imaginário e dessa esperança que nunca se realiza, mas que carrega uma dimensão humana transcendental. ▀

Ronaldo Cagiano é escritor mineiro de Cataguases, autor de *Eles não moram mais aqui* (Prêmio Jabuti 2016, de contos), mora em Portugal.

Uma narrativa sóbria, elegante, sem derramamentos, pontuada por uma história de crueza, mas povoada de sensibilidade e reflexão.